

O PROCESSO DE FORMAÇÃO INTERSUBJETIVA E IDENTITÁRIA NO AMBIENTE ESCOLAR – QUANDO A EDUCAÇÃO SUPERA A PANDEMIA

Autora: Ana Carolina de Sousa Vieira

Universidade Federal de Viçosa

ana.vieira68@ufv.br

Orientador: Icaro Gabriel da Fonseca Engler

Universidade Federal de Viçosa

icaro.engler@ufv.br

RESUMO:

Entende-se que a escola como sendo um espaço formativo, possibilita ao estudante construir não só suas reflexões e críticas sobre a vida, como promove um espaço de compartilhamento das diferenças. Isso certamente devido ao fato de a educação ser uma prática social que possibilita o desenvolvimento dos seres humanos. Observa-se que o período da pandemia provocou mudanças significativas no processo de ensino e aprendizagem. Assim como distanciou os estudantes de suas interações sociais e coletivas vivenciadas nas escolas. Buscamos, a partir disso, compreender como o ensino à distância impactou a forma com a qual os estudantes se relacionam com a vida e consigo mesmos. Refletindo a partir disso os processos sócio-históricos que os atravessam. Pensando a partir disso como os estudantes da Esedrat - E E Dr Raimundo Alves Torres, Viçosa, Minas Gerais têm se relacionado com o aprendizado após o período da pandemia. Além, é claro, de compreender como as interações sociais, a construção intersubjetiva e identitária dos estudantes foi afetada pelo período pandêmico no período de retorno às atividades.

Palavras-chave: Educação; Pandemia; Ensino; Aprendizagem; Intersubjetividade.

INTRODUÇÃO:

Observa-se que os estudantes que estão inseridos na construção do novo ensino médio, na escola Esedrat de Viçosa, parecem perder o interesse pelo aprendizado. Tanto pelo esgotamento mental frente a rotina maçante das aulas e o longo e exaustivo período escolar. Assim como, pelas exigências depositadas sobre suas vidas quanto ao trabalho, à necessidade de sobrevivência e as incertezas que estão circunscritas nos caminhos da vida. Apesar da

tentativa incessante de tornar o ensino universal, no período da pandemia, sabe-se que os estudantes foram impactados de formas distintas e profundas. Ocasionalmente a formação de sujeitos amedrontados, ansiosos e depressivos, que se tornam alheios a sua própria vida e refêns das poucas narrativas que lhes sobram.

Percebe-se que a pandemia provocou inúmeras mudanças que não dizem respeito apenas às interações sociais, como a própria construção intersubjetiva dos indivíduos. Isso porque, como fenômeno social, ela também foi absorvida, experimentada e compreendida de forma diversa e específica. Pensando nisso, este projeto articula dois campos de problematização, sendo o primeiro deles, ligado à discussão em torno do impacto da pandemia no processo de aprendizado dos alunos. De outro lado, mobilizamos o debate do impacto da pandemia na construção intersubjetiva e identitária dos estudantes, refletindo como o retorno às interações sociais promoveram o aumento da ansiedade, do desinteresse e da dificuldade de aprendizado dos alunos, em seus mais variados contextos.

Desse modo, identificou-se que o contexto sócio-histórico, cultural e econômico dos indivíduos, demarcou diferenças significativas no que diz respeito à vivência dos estudantes no período pandêmico, assim como no que concerne ao aprendizado. Isso porque, o ambiente familiar e os recursos que cada aluno possuía para atravessar os períodos obscuros desse momento, delimitaram a sua formação cidadã, crítica e identitária. Constatou-se que a relação entre aprendizado e ensino, nesse contexto, envolveram outras dinâmicas que vão desde os aspectos sócio-históricos de cada indivíduo, até aspectos culturais, econômicos, familiares e psíquicos.

Percebeu-se que a realidade dos alunos estão presentes no processo de sua formação intersubjetiva. Nesse sentido, a escola se apresenta como um meio que possibilita aos sujeitos, reelaborarem seus pensamentos e ações. Isso certamente devido ao fato de que o conhecimento, como promotor de novas possibilidades e reflexões críticas, os auxiliam no processo de autopercepção de si próprios e suas escolhas. Evidenciando, assim, que o ambiente escolar e as relações intersubjetivas que se estabelecem nesse espaço, são capazes de redimensionar os indivíduos no mundo, possibilitando o desenvolvimento de atores sociais capazes de criar e transformar as coisas da vida. Sendo, desse modo, um meio que possibilita aos sujeitos reelaborarem seus pensamentos e ações.

Constatou-se por meio dos diálogos, das conversas de roda e dos momentos de discussões sobre assuntos, tais como, gênero, racismo, classe e diversidade, que os estudantes que compõem o novo ensino médio, não conseguem se reconhecer dada a exaustão que é trazida por eles. Observou-se, a partir disso, que a demanda dos alunos é muito mais

complexa do que a perspectiva exclusiva do aprendizado e do ensino. Os estudantes trazem abordagens e perspectivas de vida múltiplas e carregadas de experiências próprias que são responsáveis por formular sua personalidade e identidade. Nesse sentido, percebeu-se a importância de as escolas estarem preparadas para acolher a intersubjetividade, diversidade e complexidade dos alunos, dando a eles espaços seguros para se conhecerem.

Percebendo isso, propusemos a ouvidoria individualizada dos estudantes do ensino médio, de forma a compreender quais são suas motivações, bem como analisar o impacto do ensino integral na relação que os alunos têm uns para com os outros, e com a própria escola. Além disso, motivamos rodas de debate sobre temas que perpassam a vida dos alunos, reconhecendo os recortes de origem, gênero, idade, orientação sexual e tantos outros aspectos formativos dos sujeitos. Permitindo, assim, que o espaço escolar se apresentasse como um ambiente importante para se dialogar sobre as múltiplas vivências dos indivíduos.

Analisou-se, também, que a interação que os estudantes têm com os conteúdos dados, são inicialmente de estranheza. Isso porque, o período da pandemia fez com que a formação dos alunos se tornasse precarizada e autorresponsiva, recaíndo sobre o estudante a responsabilidade de seu aprendizado ou não. Os efeitos das aulas online estão refletidos na inabilidade que os alunos têm de elaborar frases concisas, ter uma linha de raciocínio clara, de refletir sobre si próprios e sobre a vida, tanto quanto de compreender conceitos ou escrever corretamente as palavras. Essas questões também abrem margem para que os alunos tenham dificuldade de aprender novos conteúdos ou, até mesmo, aqueles que se aproximem de suas realidades culturais, sociais, econômicas e éticas.

Essa realidade, é claro, continuou exigindo do docente uma habilidade extracurricular de não só ensinar esses alunos, como também, orientá-los no mundo, acolhê-los e capturá-los para o espaço da aprendizagem. Um processo desafiador quando a educação se torna mecanismo de precarização, baixa infraestrutura e responsabilidade dos professores. Isso porque, sem as ferramentas necessárias para um bom ensino, alimentação de qualidade, psicólogos, assistentes sociais, políticas públicas de melhoria e investimento, as demandas dos alunos permanecerão no campo das preocupações contínuas dos docentes que se sobrecarregam com essas narrativas.

É por essa narrativa de precarização do ensino presencial, que evidenciou-se que as aulas online foram responsáveis por configurar um quadro de sucateamento do ensino público, despreparado para urgência do ensino à distância. Além, é claro, de demonstrar como a educação vem passando por um processo de mercantilização que anula as diferenças, na medida em que propõe a formação técnica, anulando a formação reflexiva e crítica dos

sujeitos. É também, por meio dessas incongruências, que acreditamos ser importante analisarmos o processo de formação intersubjetiva e identitária dos alunos da Esedrat, de Viçosa.

METODOLOGIA

Os primeiros dois meses de andamento do projeto, foram dedicados a revisão teórica de literaturas que envolviam, em suas discussões, temas voltados para uma educação libertária. Analisando, a partir disso, as literaturas existentes que dialogam com a perspectiva de formação de sujeitos emancipados, conscientes e auto-atualizadores não só de suas vivências e experiências, como dos fenômenos socialmente construídos.

O trabalho de investigação se articulou através de rodas de conversas, diálogos individuais e coletivos com os alunos, tanto quanto através da observação participativa da dinâmica da sala de aula. Para tanto, foram selecionados temas para os debates que dialogassem com a realidade de vida desses estudantes, assim como foi analisada a resposta dos alunos a tais atividades. Além disso, foram desenvolvidas conversas individualizadas que tinham como foco, a compreensão dos projetos de vida dos alunos, os caminhos possíveis para sua realização e as dificuldades que eles enfrentam consigo próprios para tal realização.

Durante o período imersivo, analisamos também, a participação dos alunos na construção do ensino que é direcionado a eles. Partindo de tal perspectiva, percebeu-se que os estudantes demonstram dificuldades que vão desde a compreensão dos temas propostos para o debate, até a elaboração de frases e textos simples. Além disso, observou-se que, muitos deles, têm dificuldade para falar sobre suas impressões pessoais sobre determinados assuntos, por se sentirem despreparados. Ainda, identificou-se que muitos alunos apresentam quadros de ansiedade e que, em momentos de estresse ou pressão, eles tendem a demonstrar mais claramente o seu efeito na forma com a qual se percebem.

Pensando na inter-relação entre academia e comunidade escolar, e na importância de ampliar e dialogar sobre o tema da pesquisa nos espaços sociais, foi elaborado um seminário intercultural de confluências. Tal seminário tinha, como principal objetivo, aproximar os estudantes de sua narrativa ancestral, compreendendo a história dos povos, comunidades tradicionais e movimentos sociais que constroem a base para que as políticas assistencialistas cheguem a todas as camadas sociais. Além disso, apresentou-se como um caminho de autorreconhecimento dos estudantes sobre suas histórias e, conjuntamente, ampliou a percepção que eles tinham sobre seu território e suas origens.

REFERENCIAL TEÓRICO

No espaço de sala de aula, percebe-se que, as diferenças culturais, sociais e éticas dos estudantes acabam impactando a forma com a qual esses sujeitos se entendem na dinâmica coletiva, assim como uns aos outros e a si próprios. Assim sendo, o que se observa são alunos desatentos, que não sabem escrever textos, elaborar respostas e que, em muitos momentos, parecem não estar dispostos a aprender. O que nos faz perceber que não é possível que: “o professor, pela simples força de sua vontade e de seu desejo, é capaz de fazer da sala de aula uma comunidade de aprendizado entusiasmada”. (HOOKS, 2013, p. 17)

Isso nos evidencia que, por mais que os docentes estejam inteiramente comprometidos com a educação, existem inúmeras variantes que atravessam os estudantes e os próprios educadores. Demonstrando que as diferenças de origem, raça, classe, gênero, idade e as demais variantes que constituem os sujeitos, não podem ser negadas no momento do aprendizado. Isso porque, o ato de ensinar também representa um ato de resistência e revolução, na medida em que possibilita aos estudantes, uma nova forma de entender e se relacionar com a vida e seus fenômenos.

Dessa forma, como nos pontua HOOKS: “o prazer de ensinar é um ato de resistência que se contrapõe ao tédio, ao desinteresse e à apatia onipresentes que tanto caracterizam o modo como professores e alunos se sentem diante do aprender e ensinar, diante da experiência da sala de aula”. (HOOKS, 2013, p. 21) Configurando, assim, um espaço seguro para o desenvolvimento da identidade própria de cada estudante. Além, é claro, de essa relação permitir que os estudantes tomem consciência de suas ações, estabelecendo uma visão crítica, autocrítica e reflexiva sobre o mundo. Um processo que os auxilia a reconhecer suas vidas e contextos históricos ao mesmo tempo que os auxilia na construção de novas perspectivas.

Apesar de todos os esforços do corpo docente da Esedrat, percebe-se que os estudantes do novo ensino médio estão exaustos e, muitos deles, não veem na educação um caminho de emancipação e libertação. Isso evidenciou, ao mesmo tempo, que muitos deles não tiveram oportunidade de conversar e pensar sobre as questões sociológicas do mundo, seja nos espaços familiares, religiosos ou até pedagógicos em que estejam. Isso aponta uma lacuna que ora dimensiona o desconhecimento que possuem sobre as coisas da vida e sobre si mesmos, ora revela o profundo problema de defasagem e evasão desses alunos na escola.

Uma realidade que parece preocupante quando a parte majoritária dos estudantes são pessoas negras, e que terão de enfrentar não só o racismo, como a desigualdade, barreiras sociais, violências e o silenciamento cotidianamente. Percebe-se que eles estabelecem com os professores uma relação de amizade, muito disso se refere ao fato de que os alunos passam parte significativa de seus dias na escola. Assim sendo, os professores estão sempre à disposição dos alunos, seja para ensiná-los, ouvi-los e aconselhá-los. Fazendo-me perceber que, a escola como espaço educativo, também representa um espaço de construção identitária dos discentes.

Ainda, o formato da sala de aula não permite aos alunos uma visão horizontalizada, de todos para com todos. O que acaba gerando uma vontade contínua por parte dos alunos, de que as aulas aconteçam em outros espaços da escola, como o multiuso, a sala de vídeo ou alguma área aberta. Isso porque, a maioria das aulas acontecem dentro das salas, seguindo formatos padronizados e específicos que, além de gerar cansaço nos alunos, também faz com que eles vejam a sala de aula como um ambiente hostil. Assim sendo, muitos deles utilizam o espaço da sala de aula para dormir, utilizar as redes sociais, ver vídeos e jogar jogos pelo celular. Além, é claro, de expressarem no convívio e relações estabelecidas, suas questões pessoais, medos, inseguranças e preocupações.

O quadro pós pandemia revelou um corpo discente altamente influenciável e alheio à educação. Os alunos não estão preocupados com sua concepção crítica de mundo, mas com a sua sobrevivência, e isso demonstra a ineficiência do Estado na manutenção dos direitos sociais e humanos dos sujeitos. se impor, falando mais alto para ser ouvido e respeitado. Ainda, observa-se que o reflexo disso não está apenas no desinteresse dos estudantes, mas antes, na precarização do ensino, na rotina exaustiva, nas demandas referentes às notas e, claro, na ausência de atividades interativas, culturais e artísticas. Enfim, várias esferas que vão se acumulando, e gerando um sentimento de esgotamento

Percebe-se que os alunos têm bastante dificuldade com o sistema de provas, assim como alguns não têm aderência a outras atividades avaliativas, como testes, ponto em cadernos e atividades extras, como trabalhos. Por consequência, os docentes precisam ajustar seus métodos avaliativos, de forma a incluir esses alunos. O resultado nem sempre é o esperado, uma vez que muitos deles, por não gostarem de estudar, matam as aulas e reaparecem ao final do semestre para o fechamento das notas.

Além disso, o hábito de leitura para a maioria dos estudantes da escola, é nulo ou quase inexistente, o que demonstra uma dificuldade dos mesmos para leituras coletivas e atividades que levem em consideração interpretação de texto e produção de escrita. Assim

sendo, essa dinâmica exige do docente uma capacidade de redirecionar não só a forma como os alunos se relacionam com a escola e a relação aprendizagem-ensino, mas especialmente, a forma com a qual se reconhecem. Aproximando-os da educação, e auxiliando-os a perceber nela, um caminho de superação e transformação da vida.

Sabe-se que o sistema de ensino remoto desencadeou problemas de natureza tecnológica, pedagógica, política, socioeconômica, e aqueles referentes à saúde física, psíquica e emocional. Demonstrando, assim, que as dificuldades enfrentadas vão desde a impossibilidade dos pais ou responsáveis de manterem tutorias frente aos estudos dos filhos, até mesmo, ensiná-los e ajudá-los. Isso porque, a sociedade brasileira é profundamente estratificada, ou seja, o contexto sócio-histórico dos alunos passa por diversos recortes. Esses recortes vão desde o acesso precário aos meios de comunicação e à internet, até o contexto histórico educacional familiar. O que nos faz pensar como nos pontua HOOKS: como se dá “a construção de uma identidade na resistência”? (HOOKS, 2013, p. 66)

Somando-se a isso, o período da pandemia revelou as tensões e a fragilidade da vida, ao mesmo tempo em que gerou contínuo adoecimento dos docentes, discentes e seus familiares. Além disso, evidencia que as tecnologias e redes sociais capturaram e capturam o modo de vida dos adolescentes nas salas de aula, gerando certa apatia, desprezo e desinteresse pelas dinâmicas em sala. Isso certamente gera um distanciamento que parece difícil ser quebrado a não ser que o ensino seja reformulado nas suas questões mais estruturais. De forma a fazer com que esse seja um espaço formativo do sujeito, não apenas a nível técnico e científico, mas conjuntamente, a nível social, cultural e ético.

Essa reformulação, entretanto, talvez não inclua um ensino integral que multiplique e crie novas matérias e teorias. Mas, ao contrário, um espaço em que questões culturais, artísticas, psicológicas, emocionais, sociais, econômicas, ambientais, políticas e humanas sejam trabalhadas em todos os indivíduos. De forma a aproximá-los da educação, auxiliando-os a perceber nela, um caminho de superação e transformação da vida. Reconhecendo, assim, que o conhecimento é promotor de novas possibilidades e reflexões críticas, capaz de auxiliá-los no processo de autopercepção de si próprios e suas escolhas. Permitindo- os uma construção consciente e autônoma de si mesmos.

Além disso, entendendo a educação como uma ferramenta capaz de mobilizar novas perspectivas a sujeitos que estejam marginalizados, é importante repensá-la quanto aos aspectos sócio psíquicos que a transpassam. De forma a fazer com que esse seja um espaço formativo do sujeito, não apenas a nível técnico e científico, mas conjuntamente, a nível social, cultural e ético. Isso porque, as inúmeras demandas trazidas pelos estudantes são

dialogadas nos espaços de sala de aula, exigindo dos educadores uma relação psicossocial com os docentes. Evidenciando que o ambiente escolar é um espaço que estabelece relações de trocas contínuas e indispensáveis para formação dos indivíduos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Evidenciou-se a exaustão dos estudantes do novo ensino médio da Esedrat que retornaram para o ensino presencial da rede pública. Isso certamente, devido ao fato de o ambiente escolar, para parte significativa deles, representar um espaço de opressão, na medida em que serve como mecanismo de controle de suas vontades e necessidades. Os diálogos coletivos que tinham como pauta, compreender a construção histórica dos alunos, seus sonhos e projetos de vida, revelou-se um fracasso. Percebeu-se nessas dinâmicas que os estudantes têm medo de sonhar, por não acreditarem em si próprios, e por se prenderem na narrativa de sobrevivência.

Nos diálogos individuais o que se percebia era uma quantidade significativa de alunos que preferiam estar trabalhando, do que estar no ambiente escolar, já que naquele existe uma troca financeira. Quando perguntados sobre o ingresso a uma universidade pública e sobre a formação superior, o que se percebia, muitas vezes, era a indiferença por parte dos estudantes. Isso porque, para muitos deles, a realidade da vida não os permitiria estudar, ou mesmo, manter seus estudos sem a necessidade de trabalhar. Além, é claro, de se sentirem inferiores e incapazes, acreditando na falsa crença de que o mérito é o que determina os sujeitos, sendo eles, seus próprios responsáveis por alcançá-lo.

Colocar sobre os estudantes do ensino médio, que estão aprendendo sobre a vida e sobre como se relacionar com ela, a responsabilidade de fazer dar certo, é exigir um controle que nenhum ser humano é capaz de ter sob todas as narrativas da vida. É, ao mesmo tempo, traçar um sentido tecnicista e operacional que desqualifica a formação dos alunos, na mesma medida em que os coloca sob pressão. Observou-se que, nesse processo, os estudantes estão perdidos, e que o trajeto de construção de suas próprias vidas, não é um tema isolado, mas que interage com a possibilidade real que eles têm ou não para traçar novos caminhos.

Os debates desenvolvidos sobre os temas referentes ao gênero, raça, classe, discriminação e diversidade, revelou-nos que, muitos alunos e alunas negras (os) da escola, têm dificuldade de reconhecer os preconceitos velados sofrido por eles, tanto quanto aceitar sua própria identidade étnica. Isso, é claro, revelou também que muitos deles negam suas

origens, mesmo que as diversas situações da vida, faça-os lembrar dos desafios que transpassam suas existências culturais, étnicas, sociais, políticas e econômicas.

Quando questionados sobre a pandemia e o processo do ensino à distância, os estudantes revelam que muitos faltavam às aulas pela ausência de recursos ou por não conseguirem aprender nada. Para muitos, a educação a distância passou despercebida, tornando-se um elemento dispensável e cansativo. A sala de aula, no interior de um núcleo familiar diverso, tornou o ensino complexo e evidenciou o despreparo das redes públicas em possibilitar uma educação justa e de qualidade.

Para muitos, voltar para o ensino presencial foi um baque, uma vez que acostumados com as aulas em casa, ir para a escola se tornou um desafio. Isso porque, por mais que muitos deles tenham obrigações, o ensino a distância possibilitava o desempenho de outras atividades ao mesmo tempo da aula, tirando-os do foco do aprendizado-ensino. Além disso, observou-se que os relatos de crises de ansiedade, desatenção e exaustão mental que eram trazidos por eles no período pandêmico, estendeu-se também ao retorno presencial. Evidenciando uma dificuldade muito grande de autocompreensão dos alunos para consigo mesmos e para com os outros.

Conclui-se que, mediante a uma realidade flexível e mutável, o ambiente escolar é atravessado por muitas demandas que estão, direta ou indiretamente, ligadas ao processo de formação intersubjetiva e identitária dos alunos. Nesse sentido, percebeu-se que a construção de uma educação libertadora que seja capaz de abrigar todas as demandas trazidas pelos alunos, passa antes pelo processo de formação subjetiva desses indivíduos. Evidenciando a importância de que os códigos, padrões e estruturas que limitam e empobrecem o desenvolvimento dos alunos, sejam trabalhados e modificados. Lançando, assim, não só um novo olhar, mas um novo caminho para a juventude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da problemática exposta acerca da formação intersubjetiva e identitária dos jovens do ensino médio, da escola Esedrat, após o período pandêmico, percebe-se que são muitos os desafios para que a educação abra caminhos para novas perspectivas. Isso diz respeito não só à qualificação profissional, ao investimento na rede pública de ensino e à elaboração de medidas que dialoguem com a diversidade; mas conjuntamente, ao processo de uma educação participativa e ativa. Romper com a narrativa de precarização do ensino, com o

esgotamento e desinteresse de muitos alunos e com as exigências do mercado de trabalho, só é possível por meio de uma educação libertadora. Capaz de articular não só o ensino-aprendizado, como as estruturas psíquicas, sociais, culturais, ancestrais, étnicas e identitárias de cada indivíduo que constitui a escola.

Além disso, percebe-se que a sociedade civil, o estado e demais instituições também devem se responsabilizar pela educação pública, como forma de reconhecer as principais demandas em seus respectivos contextos, para que elas sejam atendidas de forma especializada e focalizada. Ainda, entende-se que o professor, em si mesmo, não é capaz de transformar completamente a vida dos alunos, e que o conhecimento sem oportunidade, acaba perdendo o sentido. Assim sendo, mesmo que os professores busquem metodologias que possibilitam a ampliação e transformação da consciência dos alunos, sem os aparatos psicossociais e assistenciais, a relação ensino-aprendizagem fica bastante comprometido.

Por fim, reconhece-se que os desafios que perpassam a educação pós pandemia, refletem diretamente na forma com a qual os alunos se relacionam com a educação. Desse modo, trabalhar espaços de diálogo e escuta, incentivar que os alunos se expressem e se conheçam, podem ser caminhos que os auxiliem na formulação simbólica e social de suas vidas. Assim como, pode possibilitar que eles consigam desenvolver de forma plena e efetiva sua cidadania, levando em consideração o que podem sonhar e aonde podem chegar. Lutando, sobretudo, contra a narrativa de mundo que os oprime, obscurece e silencia, lançando luz ao aprendizado.

REFERÊNCIAS

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Wmf Martins Fontes Ltda, 2013. 283 p.